

Culpando a Rússia com o Boomerang

Sobre o maior escândalo político na história dos Estados Unidos

#Elections #Corruption #Clinton #Trump

Quase toda a gente sabe como funciona um boomerang. O veículo semicircular pode ser lançado no ar e, aparentemente sem fim, ser visto a subir no céu azul. Mas, a dada altura, a subida imparável pode sofrer uma paragem abrupta. Devido aos movimentos de rotação do boomerang em torno do seu próprio eixo, uma chamada precessão pode causar uma inversão completa da direção do voo. Não é improvável que um boomerang regresse ao lançador original para o atingir nas costas.

Um bumerangue deste tipo parece ter sido lançado por volta de setembro de 2015. Nessa altura, um "cliente conservador" ainda não totalmente identificado encomendou a uma empresa de consultoria chamada "Fusion GPS", de Washington, DC, que investigasse Donald J. Trump, que na altura procurava tornar-se o candidato republicano às eleições presidenciais dos EUA em novembro de 2016.

O Dossiê Anti-Trump

Depois de Trump ter sido oficialmente eleito candidato presidencial na primavera de 2016, os pagamentos republicanos à Fusion GPS foram interrompidos. Mas isso não impediu o trabalho do dossier - ele começou de facto agora. Como uma tocha, foi passado para o Partido Democrata dos EUA. Os apoiantes de Hillary Clinton, através da sede do seu partido - o Comitê Nacional Democrata (DNC) - entrevistaram e tornaram-se os novos doadores da Fusion GPS para o dossiê contra Trump.

Em junho de 2016, pouco depois de a Wikileaks ter tornado públicos os muitos e-mails do servidor do Comitê Nacional Democrata, a Fusion GPS contratou um ex-agente do MI-6 da Grã-Bretanha, de nome Christopher Steele, para reforçar ainda mais o processo de recolha de dados contra Trump.

Steele e a Fusion GPS continuaram incansavelmente o seu trabalho antes, durante e mesmo depois das eleições. John McCain, um forte opositor de Donald Trump no seio do próprio Partido Republicano, teve conhecimento do dossier e mandou um assessor próximo deslocar-se a Londres para inspecionar o documento e o seu autor. Pouco depois, **McCain transmitiu o dossiê** ao então diretor do FBI, James Comey, que já tinha sido informado sobre o documento e que, muito provavelmente, também informou o então presidente Barack Obama sobre o trabalho da Fusion GPS.

No início de janeiro de 2017, algumas semanas antes da tomada de posse do novo Presidente dos EUA, Donald J. Trump, os quatro antigos chefes dos serviços secretos dos EUA - James Comey, John Brennan, Mike Rogers e James Clapper - **chegaram à Trump Tower** em Nova Iorque. Discutiram durante algum tempo a alegada influência russa nas eleições passadas, antes de James **Comey ser intencionalmente deixado sozinho na sala com Donald Trump**. Foi aí que o ex-diretor do FBI, Comey, confrontou pela primeira vez o novo Presidente dos EUA com as alegações do dossier sujo, de uma forma que faz lembrar a extorsão.

Pouco antes da tomada de posse de Trump, em janeiro de 2017, o dossiê **foi transmitido ao BuzzFeed**

News, que o colocou imediatamente no seu sítio Web. O BuzzFeed News é patrocinado pela NBC News através da sua proprietária ComCast, com acções no valor de milhões de dólares. O dossiê já tinha sido partilhado entre jornalistas em Washington, DC, nas semanas e meses anteriores.

Desde então, o Presidente dos Estados Unidos apelida o dossier de fake news e de alegações não confirmadas e obscenas, que ele e os seus colaboradores mais próximos identificam como "coisas estúpidas", entre outras - uma **avaliação** válida e **verdadeira** quando se lê o dossier na íntegra. Um resumo das muitas afirmações contraditórias do dossier **pode ser lido aqui**.

Um informador do Kremlin relata que a(s) reunião(ões) secreta(s) do advogado de TRUMP, COHEN, com funcionários do Kremlin, em agosto de 2016, foi/foram realizada(s) em Praga.

Dossiê Steele, página 17, 2016/136

No entanto, desde o aparecimento do dossier, os principais meios de comunicação social a nível mundial especularam quando, onde, como e quanto Donald Trump tinha ganho as eleições apenas com o apoio da Rússia e do seu governo. Nas semanas e meses que se seguiram à tomada de posse do novo presidente dos Estados Unidos, sucederam-se histórias de imprensa mal conduzidas. Na sua maioria, foram publicadas notícias de imprensa fictícias, alimentadas por **muitas ambições de propaganda dos principais meios de** comunicação social, que foram distribuídas por todo o planeta.

Em março de 2017, o diretor da CIA, Michael Morell, foi um dos primeiros a manifestar preocupação com o dossiê. Christopher Steele entrevistou testemunhas através de intermediários e **pagou pelas suas alegações**, segundo Morell:

E depois perguntei-me: porque é que estas pessoas forneceram esta informação, qual era a sua motivação? E depois fiquei a saber que ele lhes pagou. Que os intermediários pagaram às fontes [do dossier] e que os intermediários receberam o dinheiro de Chris[topher Steele]. E isso preocupa-me um pouco, porque se estamos a pagar a alguém, em particular a antigos oficiais do FSB, eles vão dizer a verdade, as insinuações e os rumores, e vão telefonar-nos e dizer: 'vamos ter outra reunião, tenho mais informações para si', porque querem ser pagos mais... Acho que temos de ter tudo isso em consideração quando analisamos o dossiê.

Michael Morell em 2017

O dossiê circulou entretanto, chegando também às mãos do empresário russo Gubarev, que, de acordo com o dossiê formulado por Steele e pela Fusion GPS, terá utilizado os seus fornecedores de alojamento web para invadir os servidores informáticos do DNC. Gubarev intentou uma **ação judicial contra o sítio Web BuzzFeed News**. Consequentemente, um tribunal dos EUA ordena a Christopher Steele que testemunhe num tribunal em Inglaterra, um pedido inicialmente rejeitado pelo antigo funcionário do MI-6. Posteriormente, o tribunal **selou os depoimentos de Steele e do assessor de McCain David Kramer**

Desde janeiro que o ex-diretor do FBI, James Comey, tem vindo a ser alvo de pressões crescentes e, em 9 de maio de 2017, o diretor Comey é demitido do seu cargo de diretor do FBI, na sequência de uma **recomendação adequada** de O Procurador-Geral dos EUA, Jeff Sessions, e o Procurador-Geral Adjunto, Rod Rosenstein.

Entretanto, uma comissão do Senado disse à Fusion GPS que **não está apenas interessado em interrogar** o diretor da organização Glenn Simpson. Em outubro de 2017, cerca de 40.000 documentos da Fusion GPS são entregues ao Senado dos EUA e, alguns dias depois, Peter Fritsch e Thomas Catan, membros-chave da equipa da Fusion GPS, recusam-se a testemunhar perante uma comissão do Senado, invocando a 5.ª emenda da Constituição dos EUA - uma lei normalmente utilizada para evitar ferir-se a si próprio.

No final de outubro de 2017, a imprensa noticiou que **um sítio noticioso chamado "Free Beacon"** tinha contactado a Fusion GPS numa fase inicial sobre o dossiê contra Trump. O presidente do sítio noticioso conservador é Michael Goldfarb, antigo diretor de campanha do senador republicano John McCain.

Em meados de novembro de 2017, o fundador da Fusion GPS **Glenn Simpson é convidado a testemunhar** perante o Congresso dos EUA. Deixou sobretudo o seu advogado falar, afirmando, entre outras coisas, que nem sequer se deu ao trabalho de verificar as muitas alegações do dossier. Não é de admirar, tendo em conta os quase **10 milhões de dólares americanos pagos pela sede do Partido Democrata** em Washington, DC - o DNC - a uma firma de advogados chamada Perkins Coie; a maior parte dos quais chegou depois à Fusion GPS. Pagamentos de que ninguém no DNC se lembrou meses depois. O responsável pela imprensa e comunicação do Partido Democrata no final de outubro de 2017:

Tom Perez e a nova direção do DNC não estiveram envolvidos nas decisões relativas à Fusion GPS, nem sabiam que a Perkins Coie [uma firma de advogados que recebeu cerca de 10 milhões de dólares do DNC entre 2015 e 2016] tinha trabalhado com a organização. Mas sejamos claros: há uma investigação federal sobre a campanha de Trump com a Rússia e o povo americano merece saber o que realmente aconteceu.

Apenas neste sentido, a luz foi apontada de alguma forma para um conhecimento completamente diferente.

Uranium One e a Fundação Clinton

Em abril de 2015, o **New York Times relatou** que, em ligação com uma antiga empresa canadiana chamada "Uranium One", milhões de dólares tinham fluído para a Fundação Clinton desde 2009 até, pelo menos, 2013. No final desse período, a Uranium One, Inc., uma empresa americana de gestão de reservas de urânio, foi totalmente adquirida pelo gigante energético russo Rosatom.

Tudo começou em 2005, quando o antigo presidente dos EUA Bill Clinton ajudou um amigo bilionário do Canadá chamado **Frank Giustra para obter os direitos de uma valiosa mina de urânio** no Cazaquistão. Através deste negócio, a empresa de Giustra, Ur-Asia Energy, Ltd. não só pôde fundir-se com uma empresa canadiana-sul-africana chamada Uranium One através de uma transação de 3,5 mil milhões de dólares americanos, como também pôde doar várias dezenas de milhões de dólares americanos à Fundação Clinton.

Mas o pessoal do Kremlin de Putin também estava de olho nas reservas de urânio do Cazaquistão e começou a influenciar pessoas-chave do governo cazaque. Em breve, alguns dos célebres directores responsáveis pelo negócio de Uralcas foram presos. De repente, a participação da Uranium One na mina do Cazaquistão estava em risco de ser confiscada pelo governo local.

O valor das acções da Uranium One caiu a pique e os presidentes, em pânico, dirigiram-se ao Departamento de Estado dos EUA, liderado por Hillary Clinton. Foram organizadas reuniões de emergência com o governo do Cazaquistão e, alguns dias depois, foi anunciado que tinha sido encontrada uma solução: O gigante energético russo Rosatom adquiriria 17% da Uranium One e o dilema com a mina do Cazaquistão desapareceria - assim como o dos doadores da Fundação Clinton.



No entanto, o Kremlin não só queria ter alguma quota no mercado do urânio, mas também o maior controlo possível sobre ele. Para assumir completamente o controlo da Uranium One, o Kremlin teve primeiro de convencer toda a administração EUA-Obama de que faria sentido absorver totalmente o braço canadiano da Uranium One - que geria um quinto de todas as reservas de urânio dos EUA nessa altura - para a Rússia.

Para tais decisões críticas que dizem respeito à segurança nacional dos EUA, é necessária uma aprovação especial do chamado Comité CFIUS, composto por superiores de 14 agências governamentais dos EUA. Hillary Clinton, por exemplo, como chefe do Departamento de Estado dos EUA, ou Eric Holder, então Procurador-Geral, cujo pessoal estava muito familiarizado nessa altura com a influência russa e os subornos relacionados com o caso Uranium One - por exemplo, através do procurador-geral adjunto [Rod Rosenstein](#).

Em março de 2010, [Hillary Clinton desloca-se a Moscovo](#), onde se encontra com Vladimir Putin e Medvedev, entre outros. Poucos meses depois, [Bill Clinton faz um discurso em Moscovo](#) e recebe 500 000 dólares americanos por um compromisso de 30 minutos, um montante muito superior aos seus honorários habituais. É também de salientar que o pagamento não vem de um bilionário russo do gás, mas do "Renaissance Capital Bank" - um banco com laços estreitos com o Kremlin, que, ao mesmo tempo, negociava acções da Uranium One para os seus clientes.

Em outubro de 2010, o comité CFIUS anunciou que não levantaria objecções à aquisição da Uranium One a 100% pela Rosatom, apesar das preocupações de alguns republicanos. Voilà !

Pouco depois do negócio, o presidente da Uranium One concede quatro generosas doações à Fundação

Clinton, num total de 2,35 milhões de dólares americanos, que não são tornadas públicas pelos Clintons - apesar da obrigação de declarar todos os rendimentos durante o serviço público de Hillary Clinton como membro do governo dos EUA. A justificação dos Clintons é que as doações relacionadas com a Uranium One foram para a filial canadiana da Fundação Clinton e que **a lei canadiana supostamente proibiria** a divulgação dos fundos das doações.

No total, foram dados à Fundação Clinton **140 milhões de dólares americanos** relacionados com a aquisição da Uranium One, uma aquisição de uma empresa que o presidente da Rosatom, Sergei Kiriyenko, comentou pouco depois: "Poucos poderiam imaginar no passado que alguma vez seríamos capazes de adquirir 20% das reservas de urânio dos EUA."

outubro de 2017 revela que o Departamento de Justiça dos EUA está alegadamente a conduzir uma investigação séria sobre a Uranium One e a Rosatom. Um senador dos EUA pede ao Procurador-Geral dos EUA que **revogue um acordo de confidencialidade do FBI** com um homem de negócios para que este possa testemunhar perante o Congresso dos EUA - um homem de negócios que trabalhou para o FBI como informador da Uranium One e que foi pago pelo FBI pelo seu envolvimento.

Entretanto, os fluxos financeiros da Fundação Clinton trazem mais luz sobre o assunto radioativo da Uranium One. Através de uma empresa chamada **APCO Worldwide**, a Fundação Clinton recebeu subsídios adicionais para o seu alegado apoio a empresas russas de energia que queriam participar em concursos contratos para o mercado energético americano no valor de milhares de milhões de dólares. Desta forma, os fornecedores de energia russos poderiam potencialmente voltar a vender aos EUA a eletricidade gerada pelo negócio da Uranium One.

A propósito, houve também generosas **doações dos contribuintes alemães** para a Fundação Clinton. Tanto a GIZ (Sociedade Alemã para a Cooperação Internacional) como o Ministério Federal do Ambiente estão listados como doadores na categoria de 1 a 5 milhões de dólares americanos. Em particular, **os pagamentos do Ministério do Ambiente BMU** são mais do que duvidosos, uma vez que ocorreram no terceiro trimestre de 2016 e, portanto, durante a fase de pico das eleições nos EUA. Estes pagamentos foram alegadamente entregues à Fundação Clinton para projectos ambientais no Quénia e na Etiópia - "reflorestação de árvores", como a BMU proclamou oficialmente.

Mas as ligações da Fundação Clinton vão ainda mais longe - até ao fim do mundo, por assim dizer. Um dos seus **maiores doadores é o Departamento de Estado australiano**, então liderado por Alexander Downer, que é logo criticado por ter sido um dos primeiros a lançar a campanha anti-Trump de 2016 para e/ou com o FBI.

Os muitos dramas em torno do chamado "Special Counsel", um comité de investigação nomeado pelo Congresso dos EUA e a quem foi dado um poderoso âmbito legal para examinar as alegadas ligações da campanha de Trump com a Rússia, também abrem um capítulo selvagem após outro desde meados de 2017.

O "Estado Profundo" e o "Conselho Especial

Depois de o falso e obscuro Dossier anti-Trump ter deliberadamente circulado pelo público nos primeiros meses de 2017, o então ainda Diretor do FBI James Comey **convenceu o Senado dos EUA e também o FBI** a iniciar uma revisão judicial dos alegados envolvimento russos na campanha de Trump

- isto mesmo depois do **despedimento de Comey** e da fuga de informação confidencial **para colegas e meios de comunicação social**.

A nomeação do responsável por essa investigação especial seria da responsabilidade pessoal de Jeff Sessions, Procurador-Geral dos Estados Unidos. No entanto, Sessions recusa-se a fazê-lo devido à pressão do dossier quase criminal, de membros do Partido Democrata e de alguns republicanos anti-Trump, com a desculpa de que se tinha encontrado várias vezes com Sergey Kislyak - embaixador russo nos EUA - e que, por isso, poderia ser "parcial". O Procurador-Geral interino Dana Boente assume as responsabilidades de Jeff Session por um breve período de cerca de quatro meses, durante o qual **Boente assina alguns mandados de espionagem** contra funcionários de Trump e ex-membros da sua campanha política. Finalmente, em abril de 2017, o segundo funcionário do DOJ, o Procurador-Geral Adjunto Rod Rosenstein, assume o cargo para finalmente **nomear o seu supervisor de longa data do FBI, Robert Mueller** - aliás, um bom amigo de James Comey - em maio de 2017, como chefe da equipa de investigação do conselho especial.

De acordo com as fontes internas, **Rod Rosenstein, Robert Mueller e James Comey** são exemplos do chamado "Estado Profundo", um governo sombra que pretende decidir sobre questões políticas e sociais importantes à porta fechada para contornar a República e, em particular, as leis da Constituição dos EUA.

Neste contexto, **a mulher de Rod Rosenstein, Lisa Barsoomian**, deve ser mencionada. Lisa trabalha como advogada para a firma R. Craig Lawrence, que ajudou Hillary Clinton em dezassete casos legais de 1991 a 2017, Bill Clinton quarenta vezes, Barack Obama quarenta e cinco vezes, James Comey cinco vezes e até o próprio Robert Mueller três vezes.

Robert Mueller e os seus colegas do "Special Counsel" começam finalmente o seu trabalho sobre o assunto. Em 30 de outubro de 2017, o antigo diretor de campanha de Trump, Paul Manafort, é acusado, sobretudo por razões financeiras, uma vez que fundos estrangeiros foram alegadamente canalizados para os EUA a partir de uma empresa cipriota sem serem devidamente declarados. O advogado de Paul Manafort **rejeita as acusações de Mueller** de forma bastante escandalosa nesse mesmo dia. Já no final de julho de 2017, o **FBI tinha batido à porta de Manafort** com um mandado de busca. Não à porta de casa, mas à porta do quarto - e não só de manhã muito cedo, mas também, curiosamente, **uma semana antes de Rod Rosenstein ter efetivamente nomeado Robert Mueller como chefe do "Conselho Especial"**.

Circulam algumas ideias estranhas sobre o Conselho Especial e o seu âmbito legal. Pelo menos o Departamento de Justiça dos EUA deveria saber que desde 1972 existe um memorando que afirma que **um O Presidente dos EUA não pode ser processado** uma vez que isso impediria as suas capacidades executivas. As investigações podem, possivelmente e apenas, levar a uma destituição, um empreendimento político a ser decidido no Congresso dos EUA - com três quartos de todos os votos.

O que é interessante no caso de Paul Manafort é que a acusação de Robert Mueller chega à imprensa três dias antes de ser executada - um ato altamente ilegal do chamado "Advogado Especial". A imprensa global de esquerda-liberal fica feliz, claro, e prepara a prisão de Manafort para um fim de semana na segunda-feira de manhã. Para além de Manafort, um voluntário grego da campanha de Trump é acusado de mentir ao FBI. Em breve, um **professor chamado Mifsud**, de Malta, fala e refere-se a acusações também contra si em conexão com Papadopoulos **como "a laughingstock"**.

Mais tarde, George Papadopoulos é mesmo acusado de prestar falsas declarações ao FBI, cumprindo 14

dias de prisão. Alguns meses mais tarde, na sequência de uma audição no Senado dos EUA no final de outubro de 2018, Papadopoulos considera a possibilidade de rescindir o seu acordo de confissão com Robert Mueller e tenciona **apresentar queixa devido à má conduta do governo** que conduziu à preparação **dos acontecimentos** em torno de Halper, Mifsud e Alexander Downer da Austrália e a um dos inícios de toda a investigação da Rússia pelo FBI. Vale a pena ouvir a **entrevista de George Papadopoulos de novembro de 2018** sobre todo este assunto. O mesmo se aplica ao seu **testemunho perante a Comissão do Poder Judiciário dos EUA, em outubro de 2018**.

Mais acções duvidosas de Rod Rosenstein vêm à luz. O Senador Louie Gohmert apresenta **um documento de 2014 assinado por Rod Rosenstein** numa audiência do Senado dos EUA com o Procurador-Geral Jeff Sessions, no qual o Procurador-Geral Adjunto dos EUA varre para debaixo da mesa a investigação, os mandados de busca e outros documentos relativos à aquisição da Uranium One pela Rosatom, para impedir o acesso do público.

O escândalo do correio eletrónico de Clinton e o FBI

No final de novembro de 2017, surge outra declaração bombástica. O antigo inspetor-geral das comunidades de informação, Charles McCullough III, afirma que foi ameaçado **por membros da administração Obama** de ser despedido em 2016 se continuasse as suas investigações sobre informações classificadas nos e-mails e servidores privados - e não seguros - de Hillary Clinton.

Em 29 de novembro de 2017, o Congresso dos EUA deixa a sua marca. Os pedidos de uma comissão do **Senado** ao Departamento de Justiça e ao FBI sobre o dossier anti-Trump e outros assuntos foram bloqueados por estes dois departamentos durante meses, o que levou a um processo por desrespeito ao Congresso.

Outros inquéritos senatoriais revelam que o diretor-adjunto do FBI, Peter Strzok, foi despedido pelo advogado especial Robert Mueller em agosto de 2017 - um facto tornado público apenas muitos meses depois e apenas devido aos esforços de alguns senadores dos EUA. Strzok foi acusado de **instrumentalização do dossiê salacioso anti-Trump** e tinha sido afastado do seu cargo no FBI devido às suas polémicas flagrantes contra Trump.

No início de dezembro de 2017, são reveladas outras **irregularidades anti-Trump** no seio do chamado "Special Counsel" de Robert Mueller - que podem ter consumido cerca de 8 milhões de dólares americanos em pouco menos de um ano -, em particular pormenores explosivos sobre os membros superiores da equipa de Robert Mueller, **Andrew Weissmann, Bruce Ohr e Jeannie Rhee**.

O dia 12 de dezembro de 2017 traz à luz do dia que Nellie H. Ohr, mulher de apenas quatro portas do gabinete do Procurador-Geral Adjunto que opera Bruce Ohr, **tinha trabalhado em 2016 para a Fusion GPS**. E continua com Andrew McCabe, diretor-adjunto do FBI e **superior de Bruce Ohr**, e Terry McAuliffe, antigo dirigente do Partido Democrata:



Finalmente, a 13 de dezembro de 2017, **Rod Rosenstein é interrogado** perante uma comissão do Senado e do Congresso dos Estados Unidos, sendo-lhe pedido que dê a sua opinião sobre a **eventual substituição** do chamado conselheiro especial Robert Mueller. O principal procurador dos EUA, Rosenstein **recusa-se a revelar em público** como é que a nomeação do Conselheiro Especial aconteceu de facto, e também como é que Robert Mueller, apesar da sua **atividade anterior na firma de advogados WilmerHale**, foi nomeado chefe do Conselheiro Especial apesar de um evidente conflito de interesses. Ao mesmo tempo que Robert Mueller era conselheiro sénior do escritório de advogados, WilmerHale também representava Paul Manafort e o genro de Trump, Jared Kushner. Robert Mueller esteve também diretamente envolvido num projeto com o general norte-americano Michael Flynn, que foi acusado no início de dezembro de 2017 por ter prestado alegadas falsas declarações ao FBI pelo próprio Robert Mueller.

Poucos dias depois da comunicação amigável, mas pouco significativa, de Rosenstein com o Congresso dos Estados Unidos, a administração Trump torna-se ativa contra o advogado especial de Robert Mueller. Uma **carta da equipa jurídica de Trump** afirma que o advogado especial de Mueller apreendeu ilegalmente milhares de documentos de correio eletrónico sem qualquer aviso prévio ou aprovação, incluindo computadores portáteis e telemóveis. Estas acusações são ainda mais explosivas, uma vez que a carta afirma que algumas das informações apreendidas conteriam informações confidenciais - algumas das quais já tinham sido divulgadas ao público por membros do conselho especial.

Em 20 de dezembro de 2017, o diretor-adjunto do FBI, **Andrew McCabe, é interrogado** à porta fechada perante o Congresso dos EUA durante mais de sete horas. De acordo com os participantes, ele era um funcionário do FBI amigo dos democratas que **também foi questionado durante a sessão sobre** o que pensava sobre o facto de a campanha de Clinton no DNC ter pago o dossier anti-Trump, que era obscuro e não foi verificado. Terá respondido que não se lembrava.

O escândalo do Uranium One está lentamente **a chegar também ao Departamento de Justiça dos EUA**, não que haja realmente pressa em lidar com o assunto. Em dezembro de 2017, o Departamento de Justiça declarou que poderia estar interessado em analisar mais de perto a questão, em particular a **exportação ilegal de urânio dos EUA para o Canadá** relacionada com a aquisição da Uranium One pela Rosatom.

O desprezo do Congresso

Em 28 de dezembro de 2017, o congressista norte-americano Devin Nunes **envia uma carta quase histórica** ao procurador-geral adjunto Rod Rosenstein, exigindo a entrega de documentos importantes sobre Bruce Ohr, Lisa Page, Peter Strzok e outros membros de alto nível do DOJ e do Conselho Especial. Outros congressistas seguem-no e ameaçam eventualmente **iniciar processos de impugnação e mesmo de acusação** contra os superiores do DOJ se as exigências do Congresso dos EUA ficarem sem resposta ou forem intencionalmente atrasadas.

Nos primeiros dias de 2018, torna-se claro que o boomerang atingiu provavelmente o seu ponto de inversão. A 4 de janeiro de 2018, **Paul Manafort intenta uma ação judicial** contra o Conselho Especial, porque ele e os seus advogados afirmam que as investigações e alegações da equipa do Conselho Especial liderada por Robert Mueller são "unmoored" - um termo naval que pode ser transcrito como "unbounded".

São também descobertas outras informações sobre a Fusion GPS. Depois de um tribunal ter dado autorização para aceder a registos de contas bancárias, a Fusion GPS parte para a ofensiva, alegando que se trataria de acções não autorizadas e que a Fusion GPS seria a verdadeira "vítima" em todas as muitas investigações sobre a Rússia. Como resposta, **um jornalista da Venezuela** chega à imprensa e informa o público sobre as práticas da Fusion GPS. Revela que alegadamente, a **Fusion GPS não só pagou** diretamente **a jornalistas**, como também a empresas de comunicação social inteiras.

O Departamento de Justiça dos EUA começa também a tornar-se mais ativo e **lança uma investigação** sobre a Fundação Clinton em Little Rock, Arkansas, e também sobre os **donativos** da fundação **relacionados com a Uranium One**, provenientes literalmente de todo o mundo.

A 9 de janeiro de 2018, outro acontecimento memorável surpreende o mundo. A conhecida senadora norte-americana Dianne Feinstein (democrata), da Califórnia, divulga as transcrições confidenciais do tribunal das audiências do fundador da Fusion GPS, Glenn Simpson, no Congresso dos EUA, em dezembro de 2017. Quando tanto o chefe da Comissão, senador Chuck Grassley, como o Presidente dos EUA criticam duramente a publicação de Feinstein, **a senadora californiana explica subitamente** a uma imprensa atónita que a onda de frio extremo na Costa Leste nessa altura e, por conseguinte, uma gripe, a podem ter estimulado a divulgar as gravações à imprensa sem a aprovação prévia do presidente e de outros membros da comissão. Entretanto, o objetivo de Feinstein de informar o FBI, o DOJ e outras testemunhas antes de futuras audiências no Congresso, a fim de evitar declarações contraditórias, foi irrevogavelmente alcançado.

A senadora californiana vai mais longe e tenta convencer o público de que **agiu em nome dos advogados da Fusion GPS** quando disponibilizou os registos ao público, ignorando completamente o mandato da Comissão do Senado dos EUA, quase como se já não houvesse Constituição dos EUA.

Em 11 de janeiro de 2018, há **notícias sobre Bruce Ohr, funcionário do** Departamento de Justiça, que é libertado das suas funções no Departamento de Justiça. Descobriu-se que ele não estava apenas ligado à Fusion GPS através da sua mulher, que tinha trabalhado lá como especialista em Rússia, mas também e até com o **projeto Cassandra**, no qual Bruce Ohr desempenhava um papel de supervisão. Outros pormenores revelam que **Nellie Ohr também solicitou uma licença de rádio segura** na NSA em maio de 2016, possivelmente para transmitir informações privilegiadas do seu marido no Departamento de Justiça em segurança para a Fusion GPS, e vice-versa.

Bruce Ohr continuou a manter contactos estreitos com o **autor do dossiê anti-Trump**, Christopher Steele,

e com a Fusion GPS, mesmo depois de o FBI ter decidido cortar os seus laços com o ex-espião britânico, mesmo depois de **Bruce Ohr ter avisado membros do Departamento de Justiça** e do FBI, já no verão de 2016, sobre o financiamento do dossiê de Steele pela campanha de Clinton, com motivações políticas - se não criminosas. Estas circunstâncias desencadearam, no início de 2019, **uma possível investigação criminal de altos funcionários** do Departamento de Justiça dos EUA, uma vez que os chamados Tribunais FISA tinham aprovado uma série de mandados para espiar **os membros da campanha de Trump - entre eles Carter Page** - com base no falso dossier Steele, a partir de outubro de 2016. Esses mandados foram renovados várias vezes, também com a aprovação do então vice-procurador-geral Rod Rosenstein. **Bruce Ohr também informou Andrew Weisman e Zainab Ahmad** já nessa altura sobre o falso dossiê anti-Trump, politicamente motivado e financiado pelo DNC, que mais tarde se tornariam membros-chave do Conselho Especial de Robert Mueller.

Nellie Ohr também admitiu ter **analisado atentamente os horários de viagem de Ivanka Trump**, entre outros.

Até o próprio Christopher Steele parece ter ficado preocupado com o seu "trabalho". **De acordo com fontes governamentais**, o ex-espião britânico do MI6 enviou uma mensagem de texto a 18 de março de 2016 a Bruce Ohr, na qual escreveu o seguinte

Olá! Queria saber se tens alguma novidade? Obviamente, estamos um pouco apreensivos devido ao comparecimento [do ex-diretor do FBI James Comey] no Congresso na segunda-feira. Espero que as firewalls importantes se mantenham. Muito obrigado.

Em janeiro de 2018, o Departamento de Justiça dos EUA acusa **um diretor executivo** de uma empresa de transporte nuclear de Maryland - um caso ligado à **Uranium One**. Outros pormenores revelam que um dos juízes desta acusação é Theodore Chuang. Chuang, um nomeado de Obama que vivia em Maryland, estudava na Universidade de Harvard exatamente na mesma altura em que Obama estudava lá, e tinha sido um dos primeiros juízes a rejeitar a **proibição de viagens** de Trump para seis países muçulmanos em 2017. Além disso, Chuang tinha sido nomeado juiz federal em 2014 contra **Rob Goldstone afirmou que** Veselnitskaya tinha pedido, sem sucesso, duas reuniões adicionais. O advogado de defesa de Trump, Rob Goldstone, afirma que Veselnitskaya não tinha sido entrevistada pelo conselho especial sobre os seus encontros com a equipa de Trump até então.

No entanto, o encontro de Veselnitskaya na Trump Tower em 2016 está a ser colocado sob uma luz completamente diferente, quando o fundador da Fusion GPS, Glenn Simpson, revela no seu testemunho que aparentemente jantou com Veselnitskaya **na noite anterior e depois do seu** encontro na Trump Tower a 9 de junho de 2016. Há mais indícios de que a advogada russa **trabalhou diretamente para a obscura empresa de** consultoria Fusion GPS. Rob Goldstone, o homem que pôs Veselnitskaya em contacto com Donald Trump Jr. e que organizou a infame reunião na Trump Tower com ela, juntamente com Jared Kushner e Paul Manafort, a 9 de junho de 2016, declarou que **Veselnitskaya tinha solicitado, sem sucesso, duas reuniões adicionais** com a equipa de Trump - uma após a vitória eleitoral de Trump e outra pouco depois da sua tomada de posse, em janeiro de 2017. Além disso, em outubro de 2018, segundo a imprensa russa, **o Procurador-Geral Adjunto Karapetyan teria morrido num acidente de helicóptero** perto de Moscovo. O alto funcionário do governo russo tinha laços estreitos com a advogada Veselnitskaya, tendo ambos sido alvo de críticas por terem estado envolvidos **num escândalo de suborno em torno de** fluxos financeiros corruptos da Rússia para a Suíça.

Os métodos com os quais os democratas dos EUA pretendem instrumentalizar ainda mais uma reunião bastante insignificante da Trump Tower de junho de 2016 podem ser encontrados em [Carta do senador norte-americano Chuck Grassley](#) de 3 de dezembro de 2018, a propósito:

Curiosamente, a sua carta também cita outra afirmação que foi objeto de uma retração de alto nível. Citou um artigo da CNN de julho de 2018 para insinuar que Trump Jr. poderá ter mentido quando disse que não contou antecipadamente ao pai sobre a reunião de 9 de junho de 2016 na Trump Tower. Esse artigo da CNN citava uma fonte anónima para afirmar que o Sr. Cohen [ex-advogado de Trump sénior] tinha testemunhado o Sr. Trump Jr. a contar previamente ao seu pai sobre a reunião. Mais tarde, foi revelado que essa fonte anónima era Lanny Davis, o advogado de Cohen, que se retratou num espetáculo mediático bizarro, que o seu gabinete parece não ter visto.

Em meados de janeiro de 2018, foram revelados outros escândalos [trocas de texto entre Peter Strzok e a sua alta funcionária no Departamento de Justiça, Lisa Page](#):

Peter Strzok: "O timing parece ser infernal. Vai parecer que foi coreografado".

Lisa Page: "Sim, é um timing horrível. Não há nada que possamos fazer."

Lisa Page: "E sim, é um verdadeiro perfil de coragem [sic], uma vez que ela sabe que não serão apresentadas queixas."

Uma vez que as [mensagens de texto entre Strzok e Page](#) são tão importantes, o FBI anuncia no final de janeiro de 2018 que todas as mensagens de texto electrónicas entre os dois, de 1 de dezembro de 2016 a 17 de maio de 2017, se perderam [alegadamente por razões técnicas](#). Os cinco meses são críticos porque compreendem não só o período de transição para a nova administração americana de Trump, mas também porque exatamente a 17 de maio de 2017 Robert Mueller iniciou o seu trabalho como chefe do Conselho Especial. Vale a pena ler também [o relatório da Comissão de Segurança Interna e Assuntos Governamentais do Senado dos EUA](#), de 7 de fevereiro de 2018, com mais pormenores sobre as trocas de texto entre Strzok e Page.

Depois de ter recuperado algumas das mensagens alegadamente [perdidas entre Peter Strzok e Lisa Page](#), torna-se claro porque é que estas foram declaradas como apagadas:

Peter Strzok: "Acho que as nossas irmãs começaram a ter fugas de informação como loucas. Desprezadas e preocupadas, estão a entrar em ação."

Não só Peter Strzok e Lisa Page foram mais tarde despromovidos dos seus empregos, como também, em dezembro de 2018, [o seu superior no FBI, Bill Priestrap](#).

A 29 de janeiro de 2018, [Andrew McCabe está prestes a ser afastado do seu cargo](#) de segundo homem mais alto do FBI, o que não é de admirar, dadas as muitas revelações sobre os seus preconceitos políticos:



A mulher de McCabe também é alvo de críticas duras em meados de fevereiro de 2018, quando é revelado que tinha recebido apoio monetário para a sua campanha política local exatamente durante o período em que o FBI - e o seu marido - tinha uma investigação em curso. Pouco tempo depois de o ex-diretor do FBI, James Comey, ter ilibado Clinton de qualquer responsabilidade pelo tratamento de informações confidenciais em servidores de correio eletrónico não seguros - uma investigação que **Andrew McCabe supervisionou e da qual se afastou** apenas alguns dias antes das eleições presidenciais dos EUA em novembro de 2016 - **A mulher de McCabe tinha recebido cerca de 1,25 milhões de dólares americanos** de apoiantes de Clinton.

Consequentemente, McCabe é afastado do FBI exatamente dois dias antes do início da sua pensão. Uma vez que teve de abandonar o FBI com desonra, McCabe não poderá, muito provavelmente, receber do governo dos Estados Unidos a desejável pensão mensal. Mas o ex-funcionário de alto nível do FBI, com uma **fortuna acumulada de cerca de 11 milhões de dólares americanos**, continua a ver-se a si próprio como uma vítima, apesar do seu comportamento repetidamente **documentado e confirmado** como o chamado "vazador" de informações sensíveis para o público. **McCabe afirma o seguinte** após a sua demissão:

Faz parte da guerra contínua desta administração [Trump] contra o FBI e os esforços da investigação do conselho especial, que continuam até hoje. A sua persistência nesta campanha apenas realça a importância do trabalho do conselheiro especial.

Até mesmo uma campanha "GoFundMe" para o multimilionário Andrew McCabe é iniciada na Internet, que **recolhe pouco menos de 500.000 dólares americanos** em poucos dias para que o multimilionário McCabe "possa cobrir as suas despesas legais".

Os memorandos do Senado

No final de janeiro de 2018, um memorando de quatro páginas é disponibilizado para análise a membros seleccionados do Congresso dos EUA. Aqueles que tiveram a oportunidade de ver o documento antecipadamente consideraram o conteúdo vergonhoso, explosivo e tão perturbador que **poderia causar sérios danos** à liderança do Departamento de Justiça e do FBI. O facto de o documento ser importante foi revelado pelos senadores democratas Dianne Feinstein e Adam Schiff (ambos da Califórnia), que emitiram declarações segundo as quais qualquer pessoa que desejasse que o memorando fosse publicado

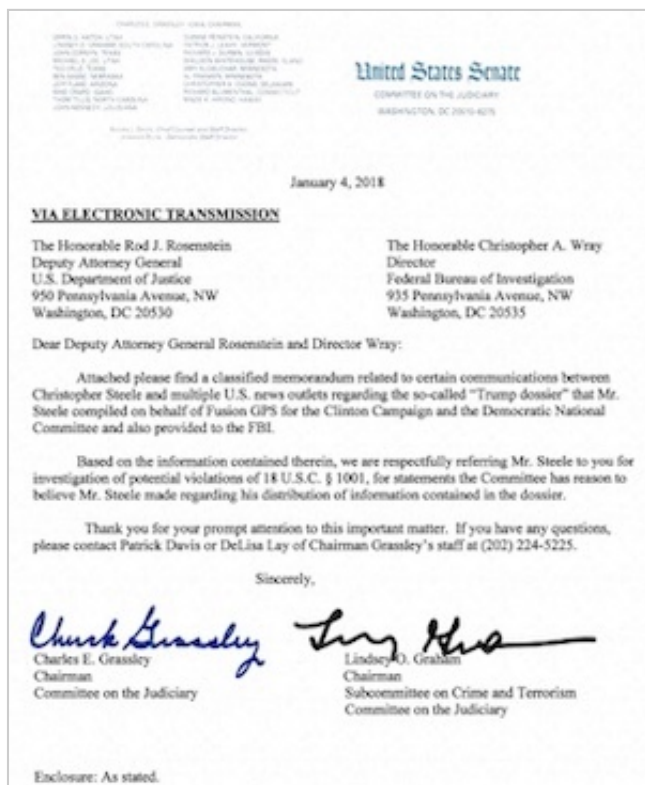
estaria ligada aos esforços de propaganda russa. Ambos **pediram aos directores executivos de empresas de tecnologia da Califórnia** que bloqueassem todos os utilizadores que pretendessem ligar-se ao momento #ReleaseTheMemo no Twitter - quase como se fosse 1933 novamente, mas desta vez nos EUA.

O FBI e o Departamento de Justiça mostraram-se **igualmente relutantes em tornar público o memorando**, ao ponto de ter sido necessário emitir **outra declaração oficial da Comissão do Senado** em 31 de janeiro de 2018:

Tendo bloqueado os pedidos de informação do Congresso durante quase um ano, não é de surpreender que o FBI e o DOJ emitam objecções espúrias para permitir que o povo americano veja informações relacionadas com abusos de vigilância nestas agências. O FBI está intimamente familiarizado com as "omissões materiais" no que diz respeito às suas apresentações tanto ao Congresso como aos tribunais, e é bem-vindo a tornar pública, na medida do possível, toda a informação de que dispõe sobre estes abusos. Seja como for, é evidente que altos funcionários utilizaram informações não verificadas num documento judicial para alimentar uma investigação de contraespionagem durante uma campanha política americana. Assim que a verdade for revelada, podemos começar a tomar medidas para garantir que as nossas agências de informação e os nossos tribunais não voltem a ser objeto de abusos como este.

Finalmente, no dia 2 de fevereiro de 2018, às 18h30, **o memorando tão discutido** é disponibilizado ao público com redacções. O documento faz acusações graves contra altos funcionários do FBI e do Departamento de Justiça, bem como contra o autor do dossiê anti-Trump, Christopher Steele, que, segundo o documento, é responsável não só por influenciar membros do Departamento de Justiça, mas também por manipulações directas de representantes dos meios de comunicação social.

Poucos dias depois, **outro memorando é apresentado ao público**, desta vez pelos senadores americanos Grassley e Graham. Esse documento detalha que Christopher Steele tinha ligações directas ao Departamento de Estado dos EUA e foi alimentado por amigos de Clinton com alegações contra Trump. O memorando refere ainda que Steele chegou a criar um segundo dossier contra Trump, que foi também utilizado indevidamente para obter ilegalmente mandados de vigilância FISA de membros da campanha de Trump. Esta espionagem teve lugar através de Carter Page, por exemplo, que foi muito provavelmente visado pelo FBI por causa de **um discurso que fez em Moscovo**, ou talvez por causa das suas cartas de reclamação a Hillary Clinton e ao diretor do FBI, James Comey, sobre a corrupção geral nos mais altos níveis do governo dos EUA.



O memorando Grassley-Graham não pôde ser facilmente arranjado pela Comissão do Senado alguns dias depois do memorando Nunes, mas teve de **ser literalmente batalhado** contra a resistência dos directores do FBI e do Departamento de Justiça.

O nome de Sid Blumenthal também é lido e ouvido pouco depois, um confidente de longa data de Clinton, que esteve **na folha de pagamentos da Fundação Clinton** durante algum tempo e que forneceu muitas informações ao Departamento de Estado aquando do ataque à embaixada dos EUA em Benghazi, na Líbia.

O informador do FBI para o Uranium One, Douglas Campbell, finalmente também recebe o **oportunidade de testemunhar** perante várias comissões do Congresso dos EUA a 8 de fevereiro de 2018 sobre o seu papel como empresário pago pelo FBI que esteve diretamente envolvido na aquisição da Uranium One pelo gigante energético russo Rosatom. Campbell afirma, entre outras coisas, que cerca de 3 milhões de dólares de dinheiro do lobby russo foram para a empresa APCO Worldwide, com muitos apoiantes de Clinton como funcionários.

Dianne Feinstein, George Soros, o oligarca e a rapariga acompanhante

Em meados de fevereiro de 2018, são reveladas outras questões. Um senador democrata dos EUA chamado Mark Warner, que por acaso era membro do Comité de Inteligência dos EUA, esteve **em contacto com um assessor próximo** do oligarca russo Oleg Deripaska, que aconselhou Warner a voltar a contactar Christopher Steele para obter ainda mais alegadas informações anti-Trump. Não se deve "deixar rastros de papel", **escreveu Warner a Adam Waldmann**. Em 2009 e 2010, a Warner também tinha um contrato mensal exclusivo de 40 000 dólares com Deripaska, o que chamou a atenção já na altura. O advogado do oligarca, Adam Waldmann, é explicitamente **convidado pelo senador Grassley**, em 26 de

fevereiro de 2018, a responder a uma série de perguntas sobre Christopher Steele e o seu dossiê.

Verifica-se também que um antigo confidente e colaborador próximo **da conhecida senadora democrata dos EUA Dianne Feinstein**, de nome Daniel J. Jones, tinha ligações directas a Christopher Steele e à Fusion GPS, sugerindo que a senadora californiana poderia ter sido um dos epicentros da máquina de propaganda anti-Trump. Esta tese é apoiada por **um surpreendente artigo do** próprio Oleg Deripaska, publicado pelo Daily Caller a 8 de março de 2018. Nele, o oligarca afirma que o assessor próximo de Feinstein, Daniel Jones - aliás, um antigo funcionário do FBI - trabalhou para a Fusion GPS e referiu ao advogado de Deripaska, Adam Waldman, que a empresa de consultoria política seria também uma organização mediática sombria com influência em muitos governos de todo o mundo. Jones disse a Waldman que a Fusion GPS é financiada "por um grupo de bilionários de Silicon Valley e por George Soros", escreve Deripaska no seu artigo. Waldman terá confirmado este facto perante a Comissão de Informações do Senado dos EUA em 3 de novembro de 2017.

Curiosamente, mais ou menos na mesma altura destes acontecimentos nos EUA, um **entrevistada pela CNN numa prisão da Tailândia**.

Victoria Nuland, antiga Secretária de Estado Adjunta dos EUA, também é mencionada no vídeo de Nawalny acima referido. Ela tinha **conhecimento antecipado do dossier Steele** (minuto 34:20) e também tinha **ligações a um diplomata de alto nível de** Bill Clinton chamado Strobe Talbott. O cunhado de Talbott é Cody Shearer, um funcionário sempre leal de Clinton, conhecido não só em Washington, DC. O vídeo mostra que a Ucrânia está a tornar-se um país de guerra por causa do seu apoio aos Clintons.

Por várias razões, a Ucrânia está também a tornar-se um foco do dossiê anti-Trump, em particular a já mencionada Victoria Nuland e também Alexandra Chalupa. Chalupa, um ucraniano-americano de nascimento e colaborador próximo dos democratas norte-americanos, **já tinha começado em 2015 a investigar Paul Manafort**, que foi então recrutado como gestor da campanha do candidato presidencial Trump. Paul Manafort tem laços estreitos com a Ucrânia, em particular com o antigo Presidente ucraniano Yanukovich, que foi destituído do seu cargo de Presidente ucraniano cerca de duas semanas depois de um agora **certamente que também comunicou pelo menos algumas das alegações obscenas** do dossier sujo de Trump.

Nellie Ohr testemunhou mais tarde que, aparentemente, os políticos ucranianos também estiveram ativamente envolvidos na criação do dossier obsceno anti-Trump:



Curiosamente, o chefe do conselheiro especial Robert Mueller também está ligado a Deripaska. Em

2009, o FBI, então chefiado por Mueller, pediu ao oligarca que **desse apoio monetário e organizacional** para a libertação do americano Robert Levinson do Irão. Deripaska tinha doado vários milhões de dólares americanos em nome do diretor-adjunto do FBI, Andrew McCabe, porque o oligarca tinha negócios de sucesso no Irão e o FBI não podia nem estava autorizado a agir diretamente nesse país. Literalmente no último minuto, a Secretária de Estado Hillary Clinton teve de cancelar o anúncio de sucesso já preparado. Foi feito um acordo com os iranianos depois de uma troca exaustivamente preparada de Levinson, que está preso no Irão desde uma campanha da CIA em 2007.

Além disso, o FBI encontrou-se com **um agente russo e pagou-lhe 100.000 dólares em Berlim** para receber informações anti-Trump - um empreendimento que, de alguma forma, se revelou uma fraude. No entanto, o espião russo recebeu algum dinheiro do FBI **por uma alegada ferramenta de pirataria informática** que dizia ter, mas que nunca chegou a entregar ao FBI.

Também foi revelado que o ex-diretor da CIA, John Brennan, foi muito provavelmente um dos que **deixou o dossier sujo circular em torno de** na administração Obama antes, durante e também depois das eleições de 2016 nos EUA. Outras notícias revelam que Brennan também fez uma visita surpresa **aos serviços secretos russos** FSB em Moscovo, em março de 2016, altura em que o projeto do dossiê anti-Trump estava em pleno vigor. Brennan também ensinou o antigo senador democrata Harry Reid sobre a alegada ajuda da Rússia a Trump. Em agosto de 2016, Reid **escreveu uma carta ao então diretor do FBI, James Comey**, instando o FBI a investigar Donald Trump, principalmente devido ao dossier não verificado de Christopher Steele e da Fusion GPS. Reid escreveu a carta pouco antes das eleições de 2016:

As provas de uma ligação direta entre o governo russo e a campanha presidencial de Donald Trump continuam a aumentar e levaram Michael Morell, antigo diretor interino dos serviços secretos centrais, a chamar a Trump um "agente involuntário" da Rússia e do Kremlin. A perspetiva de um governo hostil que procura ativamente minar as nossas eleições livres e justas representa uma das mais graves ameaças à nossa democracia desde a Guerra Fria e é fundamental que o Federal Bureau of Investigations utilize **todos os recursos disponíveis** (!) para investigar este assunto de forma exaustiva e atempada. O povo americano merece ter um conhecimento completo dos factos resultantes de uma investigação concluída antes de votar em novembro [de 2016].

Em 16 de fevereiro de 2018, Rod Rosenstein **anunciou orgulhosamente à imprensa** que o chamado "Special Counsel" tinha apresentado acusações contra 13 indivíduos e empresas por espionagem e interferência nas últimas eleições americanas. Na sua maioria, estas pessoas e empresas residem na Rússia, o que torna uma acusação pelo menos difícil, se não impossível. Uma empresa com o nome **'Internet Research Agency'** sediada em São Petersburgo faz parte da lista de acusações porque Rosenstein e os seus acusadores afirmam que os seus 100 a 600 empregados tinham alegadamente iniciado esquemas de manipulação maciça de toda a população dos EUA antes das últimas eleições.

A questão continua a ser a de saber por que razão é necessário um advogado especial para tais acusações. Qualquer procurador dos EUA teria sido igualmente capaz de fazer tais acusações. A equipa de Mueller pode elegantemente tentar desviar a atenção das muitas manipulações e actos quase criminosos que vieram a lume até agora nos EUA, principalmente por parte de políticos democratas antes, durante e depois das eleições de 2016.

A prova é apresentada apenas alguns meses mais tarde, quando **dois advogados aparecem**

surpreendentemente em tribunal para se declararem "inocentes" para uma das empresas russas acusadas pelo DOJ de Rosenstein, chamada "Concorde Management and Consulting". Os advogados exigem uma distribuição dos documentos confidenciais do conselheiro especial e queixam-se de que a equipa de Robert Mueller violaria as regras do tribunal.

Em outubro de 2018, é revelado o chamado projeto "Lakhta" do Kremlin. O Distrito Leste da Virgínia, em ligação com o FBI, acusa uma cidadã russa de São Petersburgo, de nome Elena Alekseevna Khusyaynova, devido à sua gestão de influências políticas ilegais dos Estados Unidos e de outros países através da utilização de redes sociais. De acordo com a acusação, o Projeto Lakhta é gerido pela empresa Concorde Management and Consulting LLC através de financiamentos do oligarca russo Yevgeniy Prigozhin, o chamado "Chefe" de Putin. Os procuradores norte-americanos acusam mesmo indiretamente o projeto russo de ter alegadamente estimulado e forçado os acontecimentos em torno de Charlottesville, na Virgínia.

Curiosamente, alguns senadores dos EUA chegam a conclusões semelhantes em relação a Robert Mueller e ao seu advogado especial, tal como a própria Khusyaynova, acusada na queixa-crime contra ela na página 18.

Uma vez que as muitas revelações dos memorandos senatoriais não receberam muita atenção nos meios de comunicação social, é enviado um documento a todos os congressistas em 20 de fevereiro de 2018 com dez perguntas sobre o dossiê Steele e a tentativa de instrumentalização do mesmo, um questionário mais detalhado da comissão é explicitamente enviado em 25 de fevereiro de 2018 a John Podesta, o antigo diretor da campanha "Clinton for America".

Um memorando de dez páginas de representantes democratas também tinha sido preparado nas semanas anteriores, que é apresentado ao público no final de fevereiro de 2018. Como era de esperar, este documento contribui mais para a confusão do que para um verdadeiro esclarecimento de toda a questão, o documento preparado por alguns democratas americanos como Adam Schiff é rejeitado e quase advertido por membros do Comité de Inteligência da Câmara, bem como por membros seniores do Senado.

Os representantes dos media tradicionais continuam, entretanto, a envergonhar-se e estão a caluniar o investigador-chefe Devin Nunes de uma forma tão perversa que já não se pode rir das suas declarações.

O dia 28 de fevereiro de 2018 revela que Hope Hicks, antiga directora de comunicação do Presidente dos EUA, se demite depois de ter sido interrogada alguns dias antes pelo Comité de Inteligência do Congresso dos EUA. Provavelmente, as coisas já não são sobre o passado, mas sim sobre as próximas eleições em 2020, para as quais tudo pode ser feito para impedir a reeleição de Trump. Apenas um dia antes, o Presidente dos EUA tinha anunciado que o diretor de campanha para a sua próxima campanha eleitoral presidencial em 2020 seria Brad Parscale, que no passado se tinha concentrado em campanhas nos meios digitais.

Parscale expressou a sua opinião algumas semanas mais tarde em outra ação judicial do DNC de 20 de abril de 2018 contra o governo da Rússia, contra a Wikileaks e a campanha de Trump, tudo ao mesmo tempo [!]:

Este é um processo falso sobre uma alegação falsa de conluio russo apresentado por um Partido Democrata desesperado, disfuncional e quase insolvente

A propósito, o dossier sujo anti-Trump **nem sequer é mencionado no processo do DNC**.

Em vez disso, outro **relatório da Comissão de Inteligência dos EUA**, de 22 de março de 2018, prova que o dossier continuou a ser pago mesmo depois da tomada de posse de Trump, em janeiro de 2017. Estima-se um **total de cerca de 50 milhões de dólares americanos**, não apenas do DNC, mas também de sete a dez indivíduos ricos de Nova Iorque e da Califórnia, de acordo com o relatório oficial. Inicialmente, o documento continha muitas passagens de texto em branco, algumas das quais foram removidas algumas semanas mais tarde e, desde então, lançam uma luz completamente diferente sobre o veredito do **antigo conselheiro de segurança nacional de Trump e do general Michael Flynn**.



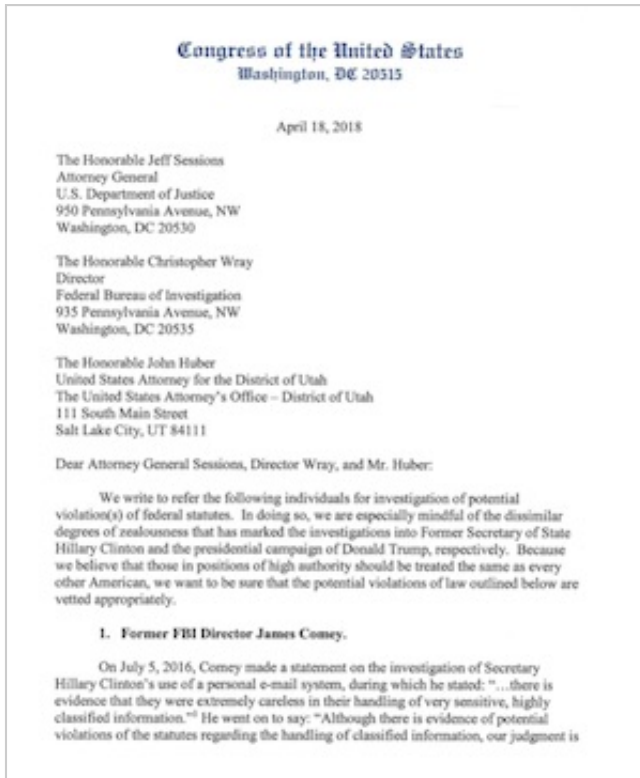
No final de setembro de 2018, veio a lume que **um advogado que trabalhava para a campanha de Clinton e para o DNC**, de nome Sussmann, não só colaborava com a Fusion GPS em 2016, como também forneceu ao FBI informações provenientes diretamente da sede de Clinton.

A senadora Dianne Feinstein também está a ser criticada, uma vez que foi revelado que o marido de Feinstein, Richard Blum, tinha uma participação substancial **na URS Corporation** através da sua empresa de investimento, uma empresa que tinha sido recompensada com contratos no valor de 4 mil milhões de dólares americanos do Departamento de Defesa no passado.

O júri declara Paul Manafort **culpado de ter cometido fraude fiscal** em cinco casos e de não se ter registado como agente estrangeiro. Manafort não apresenta testemunhas durante o julgamento e faz um acordo com o "Special Counsel", prometendo cooperar plenamente. Algumas semanas mais tarde, o próprio juiz se queixa de que o **acordo com Manafort seria "altamente invulgar"** e que o "Special Counsel" deveria prever penas mais baixas. Além disso, é revelado que membros do "Special Counsel" tinham **divulgado à imprensa informações importantes sobre Paul Manafort**, mesmo antes de serem destacados para trabalhar com a equipa de Robert Mueller. Em meados de outubro de 2018, **é detido um alto funcionário do Departamento do Tesouro dos EUA em Washington, DC**, por ter divulgado grandes volumes de relatórios financeiros - incluindo os que interessavam ao "Special Counsel" - à imprensa, nomeadamente ao **BuzzFeed News**.

O Boomerang está de volta

Os políticos republicanos tinham enviado uma proposta ao Departamento de Justiça **já em julho de 2017**, em que os representantes tinham repetidamente apelado ao Procurador-Geral Jeff Sessions para que iniciasse um segundo "Conselho Especial" verdadeiramente independente devido aos abusos de vigilância da FISA, ao drama do servidor de correio eletrônico de Clinton e a muitos outros escândalos por resolver. Outra proposta deste tipo foi emitida **pelo congressista Lee M. Zeldin** em 28 de fevereiro de 2018, por exemplo. Alguns dias mais tarde, a 6 de março de 2018, **outra proposta deste tipo** é escrita tanto ao Procurador-Geral Jeff Sessions como ao Vice-Procurador-Geral Rod Rosenstein, desta vez pelo Presidente da Comissão Legislativa e pelo Presidente da Comissão de Reformas Governamentais. De qualquer modo, em 18 de abril de 2018, vários congressistas enviam ao Departamento de Justiça dos EUA **um pedido de** investigação e acusação de vários ex-funcionários de Obama - incluindo James Comey e Hillary Clinton.



Um novo capítulo é aberto a 8 de abril de 2018, quando - com base nas recomendações do advogado especial de Robert Mueller - o Departamento de Justiça emite subitamente uma ordem aos procuradores do Distrito Sul de Nova Iorque (SDNY). Estes acabam por invadir **o escritório de Nova Iorque** do antigo advogado do Presidente dos EUA, Michael Cohen, e confiscam documentos e computadores. Mais um espetáculo imprudente do conselheiro especial, que parece ir a toda a velocidade contra a Constituição dos EUA - talvez semelhante ao MS Titanic. A propósito, o tribunal do SDNY - um dos 94 tribunais distritais dos EUA - já se tinha dedicado ao caso do Titanic na altura e também aos muitos processos civis relacionados com os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. Robert Mueller foi, por coincidência, nomeado novo diretor do FBI exatamente um mês antes dos catastróficos ataques em Nova Iorque. Um antigo membro do SDNY não é outro senão o ex-diretor do FBI James Comey, cujos **memorandos sobre as reuniões com Donald Trump** foram divulgados mais tarde, **colocando o ex-diretor do FBI** numa situação difícil.

Alguns procuradores em Nova Iorque estão sob fogo direto, incluindo o Procurador-Geral Eric Schneiderman, que é acusado - juntamente com alegações de numerosas mulheres - de **fechar os olhos a**

um registo adequado de centenas de milhões de dólares doados à Fundação Clinton.

Seguem-se novas descobertas sobre o ataque a Michael Cohen, o advogado pessoal de Donald Trump. É anunciado que o juiz responsável pelo processo de Cohen não é outro senão Kimba Woods. Woods, juíza de um dos importantes tribunais distritais dos EUA, foi a **candidata preferida de Bill Clinton** para o cargo de Procuradora-Geral. Foi também **convidada de honra e oradora** no terceiro casamento de George Soros, em 2013. E é também conhecida por ter sido coelhinha da Playboy nos anos 60, bem como por uma relação com um multimilionário, o que lhe valeu a alcunha de "juíza do amor".

Finalmente, é revelado que o FBI não só tinha vigiado ilegalmente a campanha de Trump com microfones e rádio, mas também com e através de **pelo menos um espião** que, ao mesmo tempo, estava **na folha de pagamentos** do Partido Democrata.

Por último, mas não menos importante, no último dia de fevereiro de 2018, o Departamento de Justiça anunciou oficialmente que iria eventualmente planejar iniciar uma investigação sobre os muitos abusos de vigilância da FISA. Nessa mesma noite, o **Procurador-Geral Jeff Sessions encontra-se com o seu procurador-chefe Rod Rosenstein** num agradável (e certamente muito caro) jantar de bife mal passado num restaurante em Washington, DC, em vez de se distanciar do seu Procurador-Geral Adjunto. Isto ilustra melhor as condições do pântano de Washington DC, uma cidade construída inteiramente sobre zonas húmidas.

Pouco depois, no final de março de 2018, o Departamento de Justiça dos EUA declara que está prestes a dar início a uma investigação sobre todos os escândalos e questões que tinham sido descobertos até então - isto sob a liderança de **um procurador chamado Huber**, do Estado do Utah - felizmente longe de Washington, DC.

Mesmo depois de o recém-nomeado Procurador-Geral Barr ter pressionado **o Conselheiro Especial Robert Mueller, no início de 2019**, a terminar finalmente o seu projeto, os muitos opositores políticos e pouco éticos do governo de Trump não admitiram o facto de não ter sido possível determinar qualquer obstrução à justiça ou conluio da campanha de Trump. Não depois de dois anos de investigações, mais de 30 milhões de dólares gastos em 19 advogados, 40 agentes do FBI, mais de 2800 intimações, 500 mandados de busca, 13 pedidos a nações estrangeiras e mais de 500 testemunhas entrevistadas. Uma vez que o relatório completo de Mueller será, muito provavelmente, mais um instrumento político radical do que um verdadeiro documento jurídico, dois senadores dos EUA publicaram, em antecipação de novos boomerangs ilegais armados pela equipa de ataque de Mueller, agora oficialmente terminada, **um documento que vale a pena ler, de novembro de 2017, ao Advogado Especial**.

E, finalmente, como esperado, **o próprio Relatório Mueller de 400 páginas**, publicado em meados de abril de 2019, parece mais um manifesto político do que um documento jurídico real.

Há muitas provas de um Estado profundo não só nos EUA: governos sombra em todo o mundo, cujos muitos membros não se preocupam muito mais do que com eles próprios e com os seus interesses próprios - circunstâncias que lembram as condições gravitacionais num buraco negro galáctico.

Não deveria haver futuro para estes "Estados Profundos". O feito de Donald Trump será, até ao fim dos tempos, ter revelado este gigantesco buraco negro cheio de políticos, burocratas e representantes dos media quase criminosos, profundamente ligados em rede, altamente corruptos e egoístas.

É de facto um milagre que em novembro de 2016 Donald Trump se tenha tornado o 45º Presidente dos EUA:



<https://www.sun24.news/pt/culpando-a-russia-com-o-boomerang-sobre-o-maior-escandalo-politico-na-historia-dos-estados-unidos.html>